Ano IX — Lisboa, Dezembro de 1953 — N.º 104

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A Marcha do Natal

PELO DR. M. CONCEIÇÃO JÚNIOR

Festiva por excelência é esta quadra do ano em que o Sol, depois de ter percorrido os doze signos do Zodíaco, recomeça novo período cronológico. A humanidade celebra esta data porque anda ligada ao acontecimento mais extraordinário da História — o nascimento de Jesus.

Além do aspecto puramente religioso que esta festa contém, há nela muito de paganismo que lhe foi dado pela tradição, roubando-lhe assim muito da sua pureza e do seu primitivo significado. No entanto, o Natal tornou-se a festa da família, nimbada de luz, cheia de poesia e de amor, a mais simpática de todas. Tornou-se o símbolo da marcha dos povos para estágios mais perfeitos de compreensão e de unidade. E nenhuma outra festa tem contribuído mais para integrar as nações no princípio estabelecido por Deus de que são partes do mesmo todo, e para guiar os homens na conquista de vantagens comuns.

O Natal, do ponto de vista religioso, relembra o aparecimento do Messias, o ungido de Israel, a quem os profetas anunciaram com antecedência de muitos séculos. A promessa de Deus, feita a David, que dizia «*eu confirmarei o trono do teu reino para sempre*», espalhou-se dentro e fora da Palestina, e não tardou a tornar-se uma ansiedade das almas que esperavam por um resgate. E, chegado que foi a plenitude dos tempos, a promessa cumpriu-se e realizou-se a profecia. «*O Verbo fez-se carne e habitou entre os homens*». E apesar de ser «*a luz verdadeira que resplandecia nas trevas, as trevas não a compreenderam*». Então Jesus de Nazaré começou a chamar-se o Cristo e provou com a sua vida ser o Ungido do Senhor.

Este acontecimento, único nos anais da humanidade, veio despertá-la para uma nova vida espiritual e fazer da festa que o celebra uma espécie de camartelo divino apostado a destruir, no decorrer dos séculos, as barreiras que separam os povos, a aproximá-los em amizade, a irmaná-los pela fé, a guiá-los para um futuro construído sobre alicerces de confiança, de respeito e de paz. Assim o Natal, falando aos homens das coisas de Deus, foi-os guiando também a uma melhor compreensão do universal e do eterno — duas grandezas incomensuráveis que atraem a inteligência como a borboleta é atraída pela luz.

* * *

O homem não vive só do presente, tão passageiro ele se mostra nas suas lucubrações quotidianas. Vive também à custa do passado pela lembrança de experiências já feitas. Pode mesmo dizer-se que chega a viver no futuro pela previsão de factos que a consciência lhe sugere como práticos e inevitáveis. Assim fizeram os profetas descrevendo alguns que ainda não tinham ocorrido e que ultrapassavam os conhecimentos da sua época. E falaram deles, com tamanha minúcia de pormenores, como se tivessem sido testemunhas oculares daquilo que diziam. Por exemplo, a vinda do Messias, que apenas fazia parte de um plano de Deus, foi apresentada com tal realidade de observação que encheu a mente do povo hebreu e tornou-se uma aspiração nacional. A ideia fez-se promessa, atravessou as fronteiras da Palestina e contagiou as almas dentro do

(Conclui na 2.ª página)

ALBERTO SCHWEITZER e o prémio Nobel da Paz

Com o fim de rectificar um erro do artigo que no último número publicámos sobre o Dr. Albert Schweitzer, recebemos do nosso caro amigo e antigo dirigente escoteiro sr. Sigvald Wiborg, Secretário da Legação da Noruega no nosso país e encarregado dos Serviços de Imprensa e Informação da mesma Legação, uma amável carta que, por conter informações de muito interesse, transcrevemos, agradecendo o esclarecimento tão oportuno.

Lisboa, 26 de Novembro de 1953

(...) Permita-me que venha rectificar um pequeno erro contido no interessantíssimo artigo publicado no seu mensário, «Sempre Pronto», n.º 103, de Novembro corrente, sobre Albert Schweitzer, a quem acaba de ser conferido o Prémio Nobel da Paz referente ao passado ano de 1952.

Diz-se no final daquele artigo que o Dr. Schweitzer foi entrevistado acerca da possibilidade de ir a *Estocolmo* receber o Prémio Nobel. Ora não se trata de Estocolmo, Suécia, mas sim de *Oslo*, Noruega.

De facto, por testamento de 27 de Novembro de 1895, o engenheiro Dr. Alfred Bernhard Nobel, químico sueco, inventor da «dinamite», decidiu que a maior parte da sua fortuna fosse para um Fundo, cujo rendimento se aplicaria a cinco prémios, destinados às pessoas que no ano precedente tivessem prestado à humanidade os maiores serviços.

Ao passo que quatro destes prémios (Literatura, Medicina, Física e Química) são conferidos em Esto-

(Conclui na 2.ª página)

O «Sempre Pronto» deseja a todos os seus leitores e colaboradores um Natal muito feliz.

A Marcha do Natal

(Conclusão da 1.ª página)

mundo romano. Embora o assunto fosse demasiado transcendente para a mentalidade da época, o povo aceitou-a porque tinha o selo de inspiração divina.

Os profetas mostraram possuir uma intuição privilegiada para estudar os acontecimentos e concluir deles possibilidades para o futuro. Observavam-nos de cima para baixo, à luz dum critério esclarecido pela fé. Sabiam que o homem tinha começado a corromper-se no Paraíso, que tomara rumos diferentes por falta de entendimento na construção da torre de Babel, que tinha perdido confiança em Deus por altura da tragédia do Dilúvio. Mas viram também, no esforço de Moisés, o quanto fizera a vontade divina para libertar Israel da escravidão do Egipto e guiá-lo com segurança através do deserto. No meio de tantas dificuldades vencidas, descobriram o poder de Jeová a protegê-lo e a uni-lo.

Os profetas concluíram que o pensamento de Deus era reunir o povo que estava disperso, organizar o que não tinha disciplina, fazer-lhe surgir no coração a força mágica de um ideal comum, mostrar-lhe o mundo como campo de trabalho, a eternidade como termo dum destino. E, se este era o plano de Deus, Ele também mandaria, a seu tempo, quem o ajudasse a vencer outras dificuldades e o conduzisse à vitória contra os seus inimigos. Esse enviado, que veio em nome de Deus, impôs-se pela santidade e pela glória num mundo acirrado por ódios, cheio de sofrimentos e de miséria.

* * *

Com o nascimento de Jesus Cristo, o conceito de pátria dilatou-se para além dos restritos horizontes que a delimitavam na mentalidade judaica. As expressões *império* e *absoluto* viram restringir-se cada vez mais o âmbito da sua aplicação e tornaram-se atributos exclusivos de Deus. O judeu, o grego e o romano, passaram a ser meros nomes de povos que fazem parte de um todo. O gentio emparceirou ao lado do cristão como doente que precisa de ser curado por Aquele que viera ao mundo, não em busca dos sãos, mas dos tristes e oprimidos.

O clarão divino, que se mostrara em Belém, estendeu os seus raios luminosos pela Ásia Menor, pela Grécia, pela Arábia e pelo Egipto. Atravessaram sobre os mares para Tarsis, para o norte e para o oriente, alcançaram a Etiópia, a Índia, as Américas. É luz que não cansa, fulgor que não se apaga. E a humanidade inteira, guiada por essa luz, entrou no caminho único da transformação lenta e constante que a vai aproximando de Deus, que a vai integrando na conquista do que é divino, universal e eterno. A rir e a chorar, a querer e a dizer que não, ora obediente, ora revoltada, aí vai ela impelida por alto destino, a tactear o invisível como cego que abre os olhos mas não vê, em busca do progresso, do desconhecido, na direcção da eternidade, ao encontro com Deus...

E tudo quanto o homem diz e inventa, no sentido do bem, obedece ao mesmo ritmo e visa o mesmo ideal — cooperar na obra principiada e acelerar a marcha. À medida que os séculos rolam para dentro das sombras do passado, as sociedades vão subindo a estágios mais concretos de solidariedade comum. Ontem foi o Natal, e a Páscoa, e os hospitais e as organizações escoteiras; hoje é a criação de um tribunal internacional para dirimir discrepâncias entre nações, são as conferências da ONU para tratar de assuntos de feição mundial, os congressos internacionais para incrementar as relações humanas, os pactos de amizade e defesa mútua; amanhã será a federação dos estados da Europa, a preferência de uma língua, talvez o Esperanto, para facilitar o entendimento entre todos. E depois?

Depois será tudo quanto possa ajudar o homem a compreender-se melhor, a auxiliar-se mais, a subir para Deus e a viver mais seguro. Entretanto o Natal tem sido e continuará sendo a celebração de um acontecimento único, uma festa pioneira de confraternização universal. E que ela seja festa para todos quantos a possam viver.

M. Conceição Jr.



Alberto Schweitzer

(Conclusão da 1.ª página)

colmo, há um, o Prémio Nobel de Paz, que é distribuído em Oslo, pela Comissão Nobel do Storting (que é a Assembleia Nacional Norueguesa). Isto porque Alfred Nobel, ao instituir o prémio da Paz, pensou que a Assembleia Nacional Norueguesa seria, em seu entender, a mais segura depositária da ideia da Paz no mundo, e que naquela assembleia decerto nunca teriam guarida ideias de agressão ou domínio. E não se enganou.

Acrescentarei que há em Oslo um Instituto Nobel, instalado em edifício próprio, e ao qual incumbe prestar a necessária assistência à Comissão Nobel nos importantes estudos que sempre precedem a decisão a tomar em cada ano. Incumbe também ao Instituto trabalhar em prol dos objectivos que presidiram à ideia da instituição do prémio da Paz. O Instituto possui uma biblioteca, e salas de leitura, onde o público pode estudar os 61.000 volumes de que a biblioteca se compõe e que são constituídos principalmente por obras sobre o direito das gentes, ciências administrativas e história.

Segundo o que está estatuído, a decisão sobre o prémio de um ano, pode ser adiada para o ano seguinte. Assim se explica que o Dr. Albert Schweitzer receba agora o prémio de 1952, e o general George Marshall, pai do «Plano Marshall», o prémio de 1953.

A entrega dos prémios costuma fazer-se, com toda a solenidade, no dia 10 de Dezembro de cada ano, dia do aniversário do falecimento de Alfred Nobel.

(...) e «Sempre Pronto»

Sigvald Wiborg

LIVROS ESCOTISTAS

Edições brasileiras

Acabam de chegar:

O que é o Escotismo, 2.ª edição..	4$00
Para ser Escoteiro, pelo Dr. Froliano de Melo, manual escotista muito ilustrado, com as provas de 3.ª, 2.ª e 1.ª classes.....	15$00
Curso de Monitores (Guias de Patrulhas)	12$00
Guia do Chefe Escoteiro, de B.-P.	10$00
Como tratar e conduzir os Lobinhos, de Gelmirez de Mello ..	2$50

Edições «Sempre Pronto»

Para ser Escoteiro, provas de 3.ª classe:	
Para escoteiros	3$00
Para outros.....	4$00

Este número foi visado pela Comissão de Censura.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

III «Jamboree» Nacional Norte-americano

O grande acampamento nacional dos escoteiros norte-americanos foi uma actividade notável na qual participaram 50.000 escoteiros dos Estados Unidos e representações de 16 países estrangeiros: Canadá, México, Cuba, Guatemala, Venezuela, Peru, Brasil, Dinamarca, Holanda, França, Alemanha, Turquia, Paquistão, Filipinas e Japão.

O acampamento ocupava uma extensão de terreno de mais de 8 km. de comprimento por de 6 km. de largura.

Na noite da inauguração mais de 5.000 escoteiros apresentaram uma parte da história americana. A marcha dos pioneiros para Oeste, as lutas com os índios, as adversidades na ocupação da terra e, sucessivamente, o caminho para o progresso, até que entraram em cena as grandes locomotivas, os grandes autocarros modernos e, por fim, grandes contingentes de escoteiros para montar o seu acampamento. Assistiram mais de 45.000 pessoas a este grandioso espectáculo.

Todas as tardes se realizavam em cinco arenas diversas os mais variados espectáculos: cantou-se, tocou-se os mais variados instrumentos, montaram-se cavalos. Vieram estrelas de cinema que cantaram para os escoteiros. Bob Hope foi o grande entusiasta.

O acampamento foi visitado num Domingo pelo vice-presidente dos Estados Unidos que dormiu numa tenda com os escoteiros e comeu numa patrulha da alimentação que os próprios rapazes cozinharam.

Num dos dias de acampamento foi emitido um programa especial de televisão de uma costa a outra dos Estados Unidos, sendo projectado o «Jamboree» para todos aqueles escoteiros que não puderam estar presentes.

No Domingo de manhã, realizaram-se serviços religiosos e à noite na grande arena uma reunião geral sobre o tema «O Dever para com Deus». Falaram 4 ministros religiosos: um católico-romano, dois evangélicos e um judio. Cada escoteiro era portador de uma vela e, então, um Comissário pediu a todos os rapazes para acenderem a sua vela. As 50.000 velas iluminaram feèricamente a noite, mostrando como a amizade, a camaradagem e respeito mútuo dos escoteiros podem iluminar o mundo.

A festa de encerramento foi de um entusiasmo extraordinário. Realizou-se um desfile em que um membro de cada delegação levou a bandeira do seu país. O Chefe Escoteiro Nacional apresentou saudações a todos os escoteiros presentes e encarregou as delegações de serem intérpretes junto dos escoteiros dos diversos países das saudações fraternas dos Escoteiros da América do Norte.

Conferência Nacional de Capelães

Em 26 e 27 de Janeiro do próximo ano, vai reunir-se em Santo António, no Texas, esta Conferência Nacional de Capelães, organizada pelo Departamento de Relações dos Escoteiros da América, cujo tema principal será «A preparação de Dirigentes no Apostolado da Juventude», visando uma melhor preparação dos Capelães ao serviço do Escotismo.

A Voz do Chefe

O Sistema de Patrulhas



Falava-se muito, entre nós, de sistema de patrulhas, mas pratica-se tão pouco o único sistema de acção de um grupo de escoteiros, que nos parece ser tal sistema quase completamente ignorado. Mais grave, porém, é o facto de se usar o nome do Fundador em defesa de opiniões que nada têm de comum com as ideias de Baden-Powel. Por isso, quisemos hoje recortar do «Scouting for boys» alguns apontamentos sobre Patrulhas.

Cada grupo de escoteiros é constituído por duas ou mais patrulhas de seis a oito rapazes.

O principal objectivo do Sistema de Patrulhas é dar uma responsabilidade real ao maior número possível de rapazes. Levar cada rapaz a considerar que ele tem uma responsabilidade individual no bem estar da sua Patrulha. Levar cada Patrulha a dar conta de que tem uma responsabilidade definida com respeito ao bem estar geral do Grupo. Por meio do sistema de patrulhas, os escoteiros aprendem a tomar parte considerável na direcção do Grupo.

O GUIA DE PATRULHA

Cada Patrulha escolhe um rapaz como Guia, que é intitulado Guia de Patrulha. O Chefe do Grupo espera grandes coisas dos Guias e deixa-lhes as mãos livres para que eles desenvolvam o trabalho das suas Patrulhas.

O Guia de Patrulha escolhe outro rapaz como segundo no comando. Este rapaz chama-se Subguia de Patrulha. O Guia é o responsável pela eficiência e boa apresentação da sua Patrulha. Os escoteiros da Patrulha obedecem às suas ordens, não por medo da punição, como sucede com frequência na disciplina militar, mas porque são uma equipa que joga em conjunto e apoia o seu Guia para honra e êxito da Patrulha.

O Guia de Patrulha, exercitando e dirigindo a sua Patrulha, ganha ao mesmo tempo, na prática, experiência para vir a ser um indivíduo capaz de tomar responsabilidades.

Também, além de treinar a sua Patrulha, o Guia deve *dirigi-la*, isto é, deve ser pelo menos tão bom como qualquer dos seus escoteiros em qualquer dos trabalhos que tenham de fazer. Nunca deverá pedir a outro que faça aquilo que ele não é capaz de fazer. Tão-pouco deverá «tomar» o lugar dos outros; pelo contrário, deve tratar de provocar o entusiasmo e o desejo de trabalhar em todos, estimulando-os alegremente nos seus esforços.

Em todos os caminhos da vida necessitam-se de jovens em quem se possa confiar e sejam capazes de assumir uma responsabilidade e uma chefia. Assim, o Guia que tem alcançado o êxito com a sua Patrulha, terá maiores probabilidades de triunfar na vida quando tiver de sair para o mundo.

A maior parte do vosso trabalho na Patrulha consiste em jogar os jogos escoteiros e fazer os exercícios pelos quais se ganha experiência como escoteiro.

BADEN-POWELL

CHILE

No Parque Cousiño de Santiago do Chile, realizou-se recentemente uma grande concentração de cerca de 2.000 escoteiros para encerramento das comemorações do 44.º aniversário da fundação do Escotismo. No acto esteve presente o Ministro da Justiça, sr. Santiago Wilson.

O presidente dos Escoteiros do Chile, entregou ao Ministro da Justiça, que é membro do Conselho Nacional de Escotismo, a Ordem Escoteira do Condor dos Andes.

MÉXICO

A Associação de Escoteiros do México está apresentando com frequência, programas de televisão onde são feitas exibições simultâneas de nós, campismo, primeiros socorros, sinalização, e todas as outras actividades escoteiras, cerimonial, etc.. Trata-se de uma excelente iniciativa de divulgação, visto que coloca o grande público em contacto com a vida escoteira, cujos meios de acção e objectivos são ainda muito ignorados em todos os países.

DO ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

No dia 22 de Novembro passado, a Banda do nosso Grupo, depois de ter percorrido a rua principal desta Vila tocando marchas, deu mais um concerto no Jardim-Parque, que foi escutado com agrado por público numeroso. — C.

JOGOS ESCOTISTAS

"A MINA MISTERIOSA,,

Um emocionante jogo realizado pelo Grupo n.º 6 de Olhão, e que constitui uma sugestão utilíssima para outros grupos de escoteiros.

A saída das patrulhas tinha lugar de de meia em meia hora e o sortejo indicara a ordem de saída: — Andorinha, Águia, Galo e Castor.

Acompanhemos uma delas, no desenvolvimento do jogo. Por exemplo — a Galo. Foi esta a vencedora ainda que quase empatada com a Castor.

Reunida a patrulha junto à torre da Igreja Matriz, à hora marcada no exterior de um sobrescrito prèviamente entregue, foi este aberto, encontrando-se a seguinte mensagem escrita em morse: «Somos antigos escoteiros. Dentro de uns livros muito velhos que adquirimos num leilão, achámos um pequeno papel descrevendo o local onde se encontra uma mina desconhecida que contém um rico filão de ouro. Fomos procurá-la e já conseguimos juntar no fundo da mesma quatro sacos contendo pepitas das mais finas. Mas, por imprevidência nossa, uns aventureiros tiveram conhecimento do nosso segredo e tentam agora desfazer-se de nós para se apoderarem da mina. Esta carta é entregue a vocês por portador de toda a confiança. Não querendo dar a conhecer o nosso segredo a mais ninguém, pedimos o vosso auxílio, prometendo-vos, como recompensa, um dos sacos com pepitas para cada patrulha. Se acederem ao nosso pedido, sigam o mapa que juntamos. Por prudência, ele representa sòmente parte do caminho até à mina. O percurso restante será seguido conforme indicações que encontrarão».

Dentro do mesmo sobrescrito, estava um mapa representando vários caminhos desconhecidos para os escoteiros, e um outro mais pequeno, devidamente lacrado, que dizia exteriormente: «No caso de se perderem, abram este sobrescrito e sigam as indicações que ele contém. Mas se o abrirem, essa patrulha será, talvez, desclassificada».

Havia ainda mais três sobrescritos fechados tendo escrito, cada um, exteriormente: «Para entregar à patrulha alcançada».

Iniciada a marcha conforme o mapa, viu-se esta patrulha seguindo caminhos desconhecidos, em que as veredas se alternavam, por vezes, com os caminhos de carros ou de pé-posto, formando um percurso nada fácil de seguir. Andados para cima de 8 km., terminou o mapa num cruzamento de caminhos, junto de uma casa velha, já nas proximidades do Monte Figo (ou S. Miguel). Examinados os arredores em busca de indícios que mostrassem o caminho a seguir daí em diante, foi vista, escrita em morse, numa parede daquela casa, a seguinte frase: «Sigam alto Cerro S. Miguel».

Daí em diante, foi marchar o mais depressa possível, não viesse a patrulha Castor alcançar a Galo, o que representaria uma enorme perda de tempo. Foi então a luta esforçada por galgar o Cerro sob um Sol ardente, vencendo a agressividade da encosta, evitando córregos e pendores traiçoeiros, mas sempre na ânsia de atingir o marco geodésico que alvejava lá no alto, como vestido de noiva entre a poalha doirada do Sol. Este aproximava-se inexoràvelmente do zénite e o seu calor tornava insuportável a camisa de flanela do novo uniforme. Já se marchava a tronco nu — mochila sobre a pele. Ah! Que saudade faziam as velhas camisas de caqui!...

Mais um esforço e só faltava um meio quilómetro para atingir a meta desejada, quando se fez ouvir um apito transmitindo nervosamente as letras «CT». Imediatamente a patrulha parou e o seu guia respondeu com a letra «K». Então, arquejantes do esforço e da emoção, os «galos» foram recebendo a seguinte mensagem: «Depressa SOS». Imediatamente correram cerro acima, e, junto à pirâmide encimada por uma cruz marcando a altitude máxima, deparou-se-lhes um acampamento onde os sinais de luta eram evidentes. Junto de uma tenda completamente revolvida encontravam-se os corpos de dois «mineiros» vestidos com fatos de ganga bastante rasgados. Os sinais de «sangue» enchiam o local. Na tenda, foi possível desenredar quatro mantas e demais objectos de uso pessoal correspondentes a quatro pessoas. Pelo chão, bocados da ganga de que se vestiam os «mineiros».

O panorama que se disfrutava daquela altitude era magnífico. Grande parte da costa algarvia desenhava-se na frente. O mar, retido pela linha caprichosa das areias doiradas da costa, apresentava no seu dorso azul as manchas, também doiradas, das ilhas da «Culatra», «S. Lourenço» e «Armona». Aqui e além, velas brancas a que o Sol emprestava reflexos metálicos, recortavam-se nítidas, fortes, gritantes na líquida superfície sobre a qual tantas almas denodadas de pescadores buscam o minguado sustento de cada dia.

Mas não havia tempo para reparar em tamanhas belezas nem para filosofar sobre as misérias e grandiosidades da vida humana.

Depois de um exame minucioso, chegaram os «galos» à conclusão de que faltavam dois dos mineiros. Para onde teriam ido? Os sinais de «sangue», depois de encherem o local do acampamento, encaminhavam-se para o lado N. do Cerro, formando como que uma pista. Por sua vez, os bocados de ganga seguiam se uns aos outros a caminho de E.. Era preciso decidir. Foi dada primazia a esta última pista e, andados uns 2 km., subindo e descendo colinas, foi encontrado um outro mineiro vestido com uns restos de fato de ganga. Estava «morto» e, numa das mãos, tinha um bocado de papel onde se viam, escritas a «sangue», as seguintes palavras: «Levantem folha de c...». A morte tinha-o levado antes de completar a frase. As mais variadas hipóteses foram apresentadas para o significado da palavra incompleta, até que um dos escoteiros da patrulha reparou no canivete que pendia do cinto do mineiro. E lá estava, sob a sua folha, um pequeno bocado de papel de seda, dizendo: «Mina direcção N. O. 4 N.. Desçam». Orientada a bússola e marcada a direcção Noroeste uma quarta a Norte, lá partiram os «galos», uma vez mais, em busca da mina misteriosa. Finalmente, atravessado um córrego e andados uns 200 metros, lá estava ela, escancarando a sua boca escura para o céu de anil e ouro. A mina situava-se numa furna em forma de poço, com uns 13 metros de profundidade, de paredes quase lisas, a que sòmente se pode descer por uma corda ou por uma escada. Junto da mina, oncontraram os «galos» uma espia grossa e comprida e uma lanterna eléctrica. Era preciso descer e alguns hesitavam. Feita a «cadeira de salvação», sentou-se nela um escoteiro cujo ânimo estava mais em conformidade com o artigo 5.º da Lei, e os outros foram deixando correr a espia, pouco a pouco, até que ele chegou ao fundo. Depois, houve que fazer força para o subir, mas a recompensa veio na forma de um embrulho endereçado à patrulha Galo, contendo... palha. Como a ordem era reunir na aldeia de S. Miguel situada a N. do Cerro, aí se encontraram todas as patrulhas, para almoçar, após um jogo que começou ás 6 horas e terminou às 13 e meia.

Depois do almoço, à sombra acolhedora de grandes alfarrobeiras, comentou-se a acção das patrulhas e decidiu-se não atribuir a primeira classificação, pois nenhuma delas tinha agido completamente como devia. Assim, a Galo não seguiu nem mandou seguir a pista de «sangue», no fim da qual se encontrava um mineiro «morto», sem mais nenhuma indicação. Era uma espécie de pista falsa. E a Castor trabalhou com pouco acerto no acampamento assaltado. A Águia, que se tinha deixado alcançar por aquelas duas patrulhas, só muito tarde chegou ao fim do jogo. E a Andorinha foi desclassificada porque se perdeu e teve que abrir o sobrescrito destinado a tal eventualidade.

Resta dizer que os sobrescritos que eram entregues às patrulhas alcançadas continham uma folha de papel, no alto da qual se via o seguinte: «Não abandonem este local sem que tenham escrito em morse, neste papel, os seis primeiros artigos da Lei».

Dr. João de Deus Ramos

Em 15 de Novembro passado faleceu, como a imprensa diária informou, o sr. dr. João de Deus Ramos, uma das mais prestigiosas figuras de pedagogo, fundador dos «Jardins-Escolas» a que deu o nome de seu pai, o imortal autor da «Cartilha Maternal», cuja obra continuou com alma de apóstolo, espalhando as suas escolas pelo país.

Fundou também o Museu João de Deus, bibliográfico, pedagógico e artístico, na Avenida Álvares Cabral, em Lisboa, sede dos «Jardins-Escolas».

O «Sempre Pronto», na impossibilidade de se referir largamente, como merecia, à obra que o grande educador ergueu com carinho e dedicação, quer registar a sua homenagem e admiração pelo Homem que tão bem soube compreender a alma da criança, cercando-a de amor e de flores, substituindo a velha austeridade da escola pelo ambiente de ternura e simpatia dos seus «Jardins», deixando o seu nome gravado em tantos corações agradecidos.

• • o • •

Foi profundamente remodelada a sede da Junta Regional de Braga do Corpo Nacional de Escutas

Depois de profundas obras de remodelação, foi reinaugurada em Novembro passado a sede de Braga do C. N. E., ao mesmo tempo que foi aberta ao público uma primorosa exposição de trabalhos escotistas.

O facto merece que o assinalemos nestas colunas porque constituiu um acontecimento escotista de valor, visto que, tanto os trabalhos decorativos das salas, como os trabalhos manuais, revelaram não só muita dedicação, como conhecimentos de técnica escotista e interessantes aptidões artísticas.

O êxito destes trabalhos deve-se sobretudo à dedicação e persistência do chefe Palha. A exposição foi muito visitada pelo público daquela cidade, e foram tecidos muitos elogios ao trabalho dos escutas. O «Sempre Pronto» envia as suas felicitações aos escutas de Braga pelo seu êxito.

I Concurso de Fotografia Escotista

No passado dia 12 do corrente, reuniu o Júri do Concurso constituído pelos srs. Mestre Narciso Morais, João Bastos Nunes e Humberto Martins, três artistas que se desempenharam com muita competência e critério da sua difícil missão.

Foram apresentados 27 trabalhos, muitos dos quais mereceram rasgados elogios do Júri. Foram atribuídos 11 prémios e uma menção honrosa. Como só foi atribuído o primeiro prémio da Técnica Escotista, foram aplicados os três últimos prémios deste tema para 4.º, 5.º e 6.º prémios do tema «Paisagem e outras manifestações da natureza».

A classificação foi a seguinte:

MOTIVO ESCOTISTA

1.º Prémio — Legenda «Pormenor», apresentada por «Olho de Açor».

2.º Prémio—Legenda «De mãos dadas para mais alto», apresentada por «Louva-a-Deus».

3.º Prémio—Legenda «Fazendo pela vida», apresentada por «Olho de Açor».

4.º Prémio — Legenda «No cimo do Pico», apresentada por «Olho de Açor».

TÉCNICA ESCOTISTA

1.º Prémio—Legenda «Observando sem ser visto», apresentada por «Águia Negra».

PAISAGEM E OUTRAS MANIFESTAÇÕES DA NATUREZA

1.º Prémio—Legenda "Frescor„, apresentada por «Águia».

2.º Prémio — Legenda «Restos do Passado», apresentada por «Zé Peixinho».

3.º Prémio—Legenda «Andando pelo caminho», apresentada por «Pantera Negra».

4.º Prémio—Legenda «Poesia do Ave», apresentada por «Aguia».

5.º Prémio—Legenda «Lavadeiras do Mondego», apresentada por «Kally».

6.º Prémio—Legenda «Almourol», apresentada por «Eva Lente».

Menção Honrosa—«Retiro Poético», apresentada por «Oliventino».

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS

A Exposição Fotográfica será inaugurada na segunda-feira, dia 4 de Janeiro próximo, pelas 21,30 horas, na sede do Grupo n.º 53, na Rua das Janelas Verdes, extinto Convento dos Marianos, 1.º andar. Nessa altura, e na presença do sr. presidente do Júri, será feita a abertura dos sobrescritos que se encontram fechados e lacrados, proclamados os vencedores e entregues os respectivos prémios.

A exposição continuará aberta até ao dia 8 de Janeiro, das 21 às 22,30 horas. A partir do dia 18 de Janeiro será feita a devolução das fotografias nas condições estipuladas no Regulamento do Concurso.

Os concorrentes da província e dos Açores deverão fazer o favor de nos escrever indicando a forma como desejam lhes sejam devolvidas as fotografias, remetendo-nos a importância do porte. De igual forma deverão proceder os concorrentes premiados, que não possam levantar os seus prémios no acto inaugural da Exposição.

Dado o êxito deste primeiro concurso, o «Sempre Pronto» realizará um 2.º Concurso Fotográfico em igual época de 1954. Esperamos que nesse novo concurso teremos ainda um maior número de concorrentes, especialmente com trabalhos escotistas.

PRÉMIOS

Tema: MOTIVO ESCOTISTA

1.º Prémio—**Taça Ferrânia**, uma taça de prata oferecida por J. C. Alvarez, Lda., Rua Augusta, 205 e 207, em Lisboa, depositários dos artigos Ferrânia.

2.º Prémio—Uma máquina fotográfica «Baby-Brownie» equipada com um rolo de películas Perutz, oferta de Roiz, Lda., Rua Nova do Almada, 82, em Lisboa.

3.º Prémio—Um álbum para fotografias (1).

4.º Prémio—Uma moldura (1).

Tema: TÉCNICA ESCOTISTA OU CAMPISTA

1.º Prémio — Prémio «SEMPRE PRONTO» oferecido pelo nosso jornal. Uma máquina fotográfica «Boy», 4 × 6,5, Bilora.

2.º Prémio—Um álbum para fotografias oferta de Fotocolor, casa de artigos de fotografia e cinema na Rua do Ouro, 291-293, em Lisboa.

Tema: PAISAGEM E OUTRAS MANIFESTAÇÕES DA NATUREZA

1.º Prémio—Uma máquina fotográfica SPARUMS com «Flash» copulado e sintonizado, oferta da Selecção Fotográfica, Rua da Misericórdia, 19 a 21, em Lisboa.

2.º Prémio—Um «Passe-partout», moldura em cabedal tipo biombo, para três fotos 18 × 24, oferta da Agência Fotográfica, Lda., Rua da Prata, 205, em Lisboa, representante dos artigos fotográficos «AGFA».

3.º Prémio—Um álbum para fotografias (1).

4.º Prémio—Um álbum para fotografias (1).

5.º Prémio—Um álbum para fotografias (1).

6.º Prémio—Uma moldura (1).

(1) Estes prémios foram oferecidos pela INSTANTA, L.DA, com estabelecimento de artigos fotográficos na Rua Nova do Almada, 55-57, em Lisboa.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Doentes—Esteve em Lisboa e internado no Hospital da C. U. F., onde foi operado com todo o êxito, o nosso estimado assinante sr. eng. Pompílio da Cruz, dirigente escoteiro de Angola, que regressou de avião ao seu local de trabalho. Congratulamo-nos com o bom resultado da operação.

● Encontra-se doente e retido em sua casa, mas já a caminho do restabelecimento, o nosso estimado assinante sr. Hernâni Gomes da Costa. Fazemos votos pela continuação das suas melhoras.

O Comandante Álvaro de Melo Machado foi homenageado pelo Grupo n.º 2

Por ocasião das comemorações do seu 41.º aniversário, o Grupo n.º 2 prestou homenagem ao seu fundador, sr. Comandante Alvaro de Melo Machado, no dia 6 do corrente mês. Na sede do grupo foi descerrado o seu retrato, tendo discursado o chefe do grupo, sr. dr. Eugénio Pais Ramos. O sr. Comandante Melo Machado, sensibilizado, agradeceu a homenagem.

Realizou-se depois uma sessão solene durante a qual falou novamente o chefe do grupo, bem como o chefe administrativo, sr. Madeira Leitão. O sr. Comandante Melo Machado fez então uma interessante evocação das primeiras actividades do escotismo, recordando os factos mais notáveis da história do movimemto, os acampamentos, exercícios e jogos a que ele dava pessoalmente a sua chefia e entusiasmo. Esta recordação foi muito agradável particularmente para alguns antigos escoteiros presentes, tendo usado da palavra e prestado a sua homenagem ao fundador do Grupo 2, o sr. Xavier de Brito, um dos primeiros escoteiros do grupo em festa, o sr. Walter John Westwood, um dos escoteiros fundadores do Grupo 1. O sr. Manuel Lopes Peixoto, que representava o Escoteiro-Chefe Geral, usou também da palavra.

O sr. Comandante Melo Machado entregou insígnias a escoteiros e lobitos e dirigiu algumas palavras a escoteiros que fizeram a sua promessa.

O Centenário da cidade de S. Paulo

Acampamento Internacional de Patrulhas

Prosseguem activamente em S. Paulo os preparativos para este grande acampamento, estando já nomeadas as comissões que deverão superintender aos diversos serviços.

O sr. Rev. Padre Ferreira da Silva, secretário geral do C. N. E., que viajou no «Santa Maria» como capelão de bordo, esteve na sede da União dos Escoteiros do Brasil, no Rio de Janeiro, onde se entrevistou com a direcção daquela associação irmã e tratou dos assuntos referentes à comparticipação nesse acampamento de escoteiros das duas associações portuguesas.

O Rev. Ferreira da Silva representou ali o sr. Comandante Henrique Tenreiro, presidente dos Escoteiros de Portugal, que também viajou a bordo do mesmo barco, mas que esteve inibido de visitar a U. E. B. em virtude das suas ocupações oficiais.

NATAL

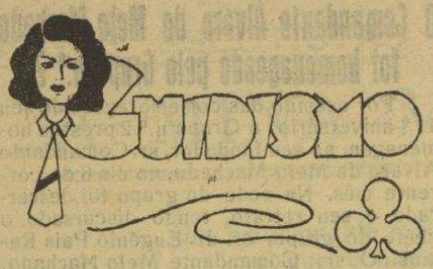
Meia-Noite... Natal... Amargamente
Ouve-se o Frio e a Chuva a conversar...
Os que não têm pão, nem têm lar,
Abrem-se ao Vento numa voz dolente...

O Vento geme e ruge e quer falar...
Nos voos do seu bailado transcendente
Levanta ao alto as falas dessa gente
E fica-se, depois, a soluçar...

Meia-Noite... Natal... Minha alma chora...
A dor do Vento arrasto-a nos meus passos...
Não sei que febre intensa me devora...

E rasgo o coração em mil pedaços:
Mil braços que se arrastam vento fora
Em mais de mil e um milhões de abraços...

AZEDO CARREIRAS



Mensagem de uma ilustre Guia francesa às Guias de Portugal do Grupo "Rainha D. Leonor"

Permiti que uma antiga Guia vos saúde por ocasião da vossa entrada no «Movimento», a vós, minhas irmãs mais novas, que ides ser «Guias», aquelas que «apontam o caminho» e que estão «sempre prontas».

O escotismo começou por ser, aos olhos do mundo, um jogo, uma ocupação para os jovens. Agora, porém, cada um de nós sabe que ele constitui uma maneira de formar o carácter. Deve-se poder contar com um escoteiro.

Para nós, que testemunhamos Nosso Senhor Jesus Cristo, o Escotismo deve ser uma preparação para o Seu Serviço. — Seu Serviço? Então este não é, muito simplesmente, a nossa vida, os nossos pensamentos, as nossas amizades? **Servir!** Pouco a pouco vós compreendereis que é preciso aprender a dominar-se a si próprio, a fazer esforços; a oração e a amizade são uma ajuda, uma força. Formareis, no vosso Grupo, uma família que se ajudará mùtuamente neste caminho, para aprender a servir.

É esta a razão porque, ao lado dos estudos bíblicos e dos problemas sociais, temos os acampamentos e a técnica. Não se pode servir sòmente com palavras, é preciso agir. Conhecereis a alegria de prestar serviço, deixando de pensar em vós próprias para pensar em promover a felicidade em vosso redor.

«Estar pronta»:

— a abandonar um livro para sair, ao sol ou debaixo de chuva, a visitar uma doente;
— a deixar de ir ao cinema para ir limpar e arrumar a casa de uma família pobre;
— a ir tomar conta de crianças, durante uma tarde, em lugar de ir sair com amigas.

Sem orgulho, sem vaidade; mas com muito amor, simplesmente com alegria. Sentireis, então, nascer em vós a felicidade, como um segredo entre Nosso Senhor, que conhece a vossa vida, e vós próprias.

Abrir o coração à amizade, os olhos à beleza. Procurar fazer conscienciosamente aquilo que vos é pedido (mesmo se issò vos não der de princípio prazer — persisti até encontrar nesse trabalho a vossa alegria, para evitar que uma outra tenha de o fazer).

Procurar sempre quais as lições a tirar deste ou daquele facto, para si própria e não para julgar esta ou aqueloutra. Amar o esforço, porque ele nos força a passar sobre a nossa preguiça.

Sereis uma família, nenhuma de entre vós se crerá superior às outras, mas saberá distinguir a «luz» de cada uma. Podereis então, no fim de uma reunião ou de uma tarde no campo, à hora de oração, render graças a Nosso Pai pela vossa amizade, pedindo-Lhe para vos revigorar e para vos guardar fiéis no mundo ao Seu Serviço, com toda a humildade.

Parti alegres nesta vida que vos aguarda, sob o olhar de Deus e para Sua Glória.

«Amai-vos uns aos outros» (João, XIII-34).

«Vigiai e Orai» (Marcos XIII-33).

ORYX ARDENTE

Comemorações do 1.º de Dezembro

DESFILE EM LISBOA

No dia 1.º de Dezembro os escoteiros de Lisboa da Associação dos Escoteiros de Portugal e do Corpo Nacional de Escutas desfilaram junto do Monumento dos Restauradores, onde colocaram uma placa e um ramo de flores.

Junto ao Monumento encontravam-se dirigentes das duas Associações e o Escoteiro-Chefe Geral da A. E. P., sr. Comodoro Duarte Silva.

O 20.º aniversário do Grupo n.º 53

Este grupo de escoteiros comemorou no dia 1 de Dezembro passado o seu 20.º aniversário, com um culto de acção de graças que se efectuou na Igreja Lusitana de S. Paulo, a que é anexo.

O Rev. Eduardo Moreira fez um sermão dedicado aos escoteiros e apresentou o evangelista S. Marcos como paradigma de um bom escoteiro pelo seu espírito de iniciativa, poder de observação e fé em Jesus Cristo.

Ao acto assistiram os escoteiros do grupo aniversariante e representantes dos grupos n.ºs 10 e 94, bem como os respectivos Chefes srs. Armando Lino, Samuel Vieira e Capitolino Ferreira Macedo.

IMPRENSA

«Semeador Baptista»

Com o número publicado em 15 de Novembro, entrou no 28.º ano de publicação, este quinzenário de Leiria, que regularmente nos honra com a sua visita e de que é Director o nosso ilustre amigo sr. dr. António Maurício.

Desejando novos progressos ao «Semeador Baptista», felicitamos o seu digno Director pelos êxitos já alcançados na obra a que devotadamente se consagra, pedindo-lhe que aceite as saudações amigas do «Sempre Pronto».



Grupo n.º 60 — Vila Real de Sto. António

No dia 29 do mês passado, realizou-se nesta Vila algarvia uma importante festa escotista na qual comparticiparam, numa agradável camaradagem, os grupos 6 de Olhão e 77 de Faro. O grupo 6 apresentou 20 lobitos e 36 escoteiros e dirigentes, e ainda 9 membros da D. A. F.. O grupo 77 apresentou 4 escoteiros, o que, com os 19 escoteiros do grupo 60, completava um efectivo de 88 elementos.

Logo de manhã os grupos visitantes eram aguardados na estação pelos escoteiros do grupo local, organizando-se através das ruas da Vila um interessante desfile, espectáculo a que o povo de Vila Real se tinha já desacostumado e despertou viva simpatia. Especialmente os 20 lobitos do Grupo n.º 6 chamavam a admiração e simpatia de todos. Eles punham uma nota desusada e alegre na formatura, com os seus uniformes azuis claros e a sua vivacidade de crianças.

De tarde, todos os grupos se reuniram no salão de festas do Glória Futebol Clube, e, apesar do mau tempo, a sala encheu-se completamente.

Foram depois distribuídas insígnias e, pelo chefe Pina, foram depois entregues às patrulhas do Grupo 60, os prémios do concurso últimamente disputado entre elas, sob o nome de «Concurso Grupo n.º 6», cuja classificação foi a seguinte: 1.ª Pat. Águia, 2.ª Pat. Popa e 3.ª Pat. Lobo. Os dois primeiros prémios eram constituídos por medalhas e o terceiro por um laço de fita com as cores da patrulha.

A solenidade da Promessa de alguns lobitos do Grupo de Olhão, com o cerimonial apropriado, emocionou a assistência, terminando a parte solene da festa com o Compromisso de Honra de 14 novos escoteiros do 60.

Seguiram-se demonstrações escotistas e todas estas actividades receberam abundantes aplausos da assistência, que se entusiasmou principalmente com as demonstrações de Morse e com as pirâmides.

Para terminar, realizou-se ainda um simulacro de «Fogo do Conselho» usando, na medida do possível, o ritual apropriado. Este «Fogo» foi muito animado e nele colaboraram os grupos presentes. Cantaram-se canções, disseram-se poesias e anedotas e o Grupo 6 apresentou dois episódios humorísticos próprios para estas actividades.

Com esta festa atingiu-se amplamente o fim em vista, — apresentar ao público de Vila Real de Santo António o seu grupo de escoteiros de novo em acção e fazer propaganda do Movimento Escotista. — *C. de Olhão.*

«O ÁGUIA»

A patrulha «Águia» do Grupo 94 iniciou em Agosto passado a publicação de um boletim mensal copiografado, que insere noticiário de interesse e colaboração técnica. O número de Setembro insere também uma entrevista com o Chefe Samuel Vieira sobre o V «Rover-Moot» mundial.

Parabéns aos «Águias» e votos de progresso do nosso «colega de imprensa».

Assinar o «Sempre Pronto» é valorizar o movimento escotista.

SINAIS DE PISTA

1 — Caminho a seguir (para perto). 2 — (para longe). 3 — (a 1 km.). 4 — (a 2 kms.) 5 — Atenção. 6 e 7 — Perigo. 8 — Seguem no caminho *ou* É este o caminho. 9 — À direita. 10 — À esquerda. 11 — Siga nova direcção.

Um bom campista observa as seguintes regras:

1.ª Não acampar num local húmido ou tão coberto pelo arvoredo que o sol não consiga penetrar nele;

Lavatórios

2.ª Arejar as barracas, colchões e roupas todas as manhãs;

Um chuveiro e um lavatório

O exame das gravuras representativas das diversas letras, melhor permite compreender o funcionamento do sistema homográfico e, generalizando, o de qualquer outro sistema semafórico.

Devem observar-se as seguintes regras:

Na transmissão

1.ª O sinaleiro toma a posição «pronto» como se indica na gravura;

2.ª Antes de iniciar a sinalagem, deve pedir comunicação, agitando as duas bandeiras por cima da cabeça, tomando, logo que seja visto e compreendido, a posição «pronto»;

3.ª Os sinais fazem-se bem claramente, movendo os braços com energia, passando de uma letra para outra sem interrupção; só no fim de cada palavra, é que se faz sinal de fim de palavra («posição pronto») passando-se a outra quando o posto de recepção sinalizar a letra E (entendido) o que significa ter sido compreendido. Se em vez deste sinal for feito a letra R (repete), significa que a palavra não foi compreendida e deve ser repetida;

4.ª Ao findar a comunicação, agitar as bandeiras para baixo e para cima ao lado direito e lado esquerdo do corpo;

5.ª Se houver erro na transmissão de uma palavra, sinalizem-se 3 vezes seguidas a letra E, sinal de «errado»;

6.ª Se houver erro de toda a mensagem faz-se o sinal de «anulação geral» isto é, o braço direito na posição C e o esquerdo na posição G, ao mesmo tempo;

7.ª Quando se usam bandeiras, deve evitar-se que se enrolem, o que diminuiria a visibilidade;

8.ª Um escoteiro colocar-se-á com um joelho em terra junto do sinaleiro, mas de forma a não prejudicar a

visibilidade, e irá ditando a mensagem, letra por letra, conforme o seguinte exemplo:

S—E—M—P—R—E (Fim de palavra)
P—R—O—N—T—O (Fim de transmissão)

(«Sempre pronto»)

A bandeirola empunha-se assim... e não assim

Na recepção

1.ª O Escoteiro, de pé, vai lendo cada um dos sinais feito pelo posto emissor.

2.ª O escoteiro incumbido de reunir as letras, escrevendo-as, que o primeiro lhe for ditando, lê a palavra quando acabar a transmissão dos sinais que constituem cada uma delas; só então o escoteiro que está a ler os sinais faz o sinal E (entendido), preparando-se para prosseguir a leitura da nova palavra que lhe for transmitida pelo posto emissor.

* * *

Para o treino de transmissões, depois dos escoteiros saberem bem os sinais homográficos, devem ser feitos exercícios no campo a distância bastante para que os postos não tenham possibilidade de conversar oralmente.

3.ª Não se deitar diretamente sobre o solo; se não há um impermeável para pôr no solo, deitar-se ao menos em cima de jornais ou folhas secas, caruma de pinheiro, tojos batidos, feno seco ou palha;

«Mobília» de janar feita com varas e espias

4.ª Não acender luz dentro da tenda senão em caso de absoluta necessidade para não atrair insectos e não deixar cheiro quando se trata de lanternas de petróleo;

Outra «mobília» de jantar

5.ª Durante a noite, proteger os rins com uma cinta de flanela e cobrir a cabeça com um lenço ou um barrete;

6.ª Utilizar diàriamente a latrina e desinfectá-la logo de seguida com cloreto ou outro produto de idêntico fim;

7.ª Não dormir calçado;

8.ª Não se deitar de costas, se costuma ressonar.

Durante as horas de dormir, o bom campista não faz barulho para não prejudicar os companheiros; o descanso é indispensável à saúde.

Para esta prova ser concedida, o escoteiro terá de passar pelo menos três noites debaixo de tenda. Regista as datas na tua caderneta de escoteiro e grava na tua vara uma meia lua por cada noite passada no campo.

●

9) Transmitir e receber por homógrafo à razão de, pelo menos, 20 sinais por minuto.

O sistema homográfico é uma das formas de transmitir sinais pelo processo semafórico.

Consiste, essencialmente, numa haste vertical — o corpo humano, no caso do homógrafo — à volta da qual dois braços se movem ocupando posições diferentes conforme as letras do alfabeto,

ALGUMAS OBSERVAÇÕES A PROPÓSITO DA GRAVURA

a) *As letras do 1.º círculo são feitas com uma só bandeira que ocupa sete posições: três à direita, uma sobre a cabeça, e três à esquerda;*

b) *De H a N, com excepção da letra J, o braço direito fica sempre na posição A, e o esquerdo desloca-se para seis posições diferentes. No 2.º círculo, e identicamente se procede para com os sinais dos restantes círculos.*

c) *Não há sinais especiais para os algarismos; são as letras de A a I que representam os algarismos 1 a 9, e a letra K que representa o zero. Sempre antes de se iniciar a transmissão de um número deve sinalizar-se a posição «Número». Se a mensagem continua, faz-se sinal «Letras», quando acabar a transmissão de números.*

●

10) Seguir uma pista através do campo empregando os sinais aprendidos na 3.ª classe.

(Devem adoptar-se as regras citadas no manual de 3.ª classe «Para ser Escoteiro»)

Além dos sinais aprendidos na 3.ª classe, o escoteiro deve conhecer outros indispensáveis ao bom campista e pode ainda criar sinais secretos e privativos da sua patrulha ou do seu grupo.

Na gravura abaixo, damos mais alguns sinais de pista que o escoteiro de 2.ª classe deve conhecer.